

O UNIVERSO DE CHARLES DICKENS NO CINEMA

Por Lauro António (Cineasta, Ensaísta e Professor Universitário)

Neste preciso dia 7 de Fevereiro, mas há duzentos anos atrás, nascia Charles Dickens. 47 anos depois, escreveria, em "A Tale of Two Cities" (1859): "Foi o melhor dos tempos, / foi o pior dos tempos, / foi a idade da sabedoria, / foi a idade da tolice, / foi a época da fé, / foi a época da incredulidade, / foi a estação da luz, / foi a estação das trevas, / foi a primavera da esperança, / foi o inverno do desespero / tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós".

Poderia descrever assim uma vida, a sua, a de cada um de nós, perante a intrincada viagem do homem sobre a terra, pejada de ciladas e ambiguidades, de afirmações e negações, de esperança e desespero. Se há escritor que soube escarpelizar a alma humana, analisar virtudes e defeitos, acreditar na força dos primeiros, sem ignorar a persistência dos segundos, mas procurando fazer de cada palavra sua parte da argamassa para a construção de um mundo melhor, mais humano e redentor, esse escritor foi Charles Dickens.



Não foi único, é verdade, muitos outros houve, e há, ao longo da toda história da Humanidade, mas Dickens teve um papel importante numa época de profundas transformações sociais, políticas, económicas, de que deu sobejo testemunho, e afirmou-se como uma referência, um símbolo, um farol de liberdade e justiça. "Só peço para ser livre. As borboletas são livres", disse ainda. Como são dele, entre milhares de frases certeiras e considerações a não perder de vista, as seguintes máximas: "Ninguém pode achar que falhou a sua missão neste mundo, se aliviou o fardo de outra pessoa." Ou "Cada fracasso ensina ao homem que tem algo a aprender."

Falemos então de Charles Dickens. Neste caso, deve começar-se pelo princípio, e no princípio era o verbo, o verbo e a palavra de um escritor magnífico que, cada vez que o relemos, nos surpreende. Um escritor que se consegue manter actual apesar dos anos passarem por ele, sem envelhecer a sua escrita nem tornar obsoletos os seus pensamentos.

Logo depois de sair da projecção da mais recente adaptação de "Oliver", a de Roman Polanski, estreada em 2005, o que apeteceu foi reler Dickens. Na minha

biblioteca repousavam ainda os volumes da editora Romano Torres, velinhos mas bem tratados, resguardados dos meus tempos de meninice, quando os descobri pela primeira vez, e, entre eles, lá estava “Oliver Twist”. Nessa noite, o prazer de adolescente regressou, ao folhear as páginas já amarelecidas e, sobretudo, ao saborear a escrita vigorosa, colorida, exaltante, crítica, justiceira, generosa de Charles Dickens. Compreende-se que os seus romances sejam dos mais adaptados de sempre ao cinema, compreende-se que Oliver Twist e David Coperfield sejam figuras inesquecíveis, compreende-se que Dickens tenha feito mais pelo espírito natalício do que todos os outros escritores mundiais reunidos. O seu Scrooge de “A Christmas Carol” deve ser das personalidades mais célebres de todo o imaginário artístico universal.

Ao reler páginas de “Oliver Twist”, percebemos qual deveria ser o entusiasmo dos americanos, cada vez que aportava um navio vindo de Inglaterra, com novos fascículos deste e de outros romances de Dickens. Compreende-se a ansiedade com que deveriam perguntar a cada passageiro que ia saindo novas das suas personagens preferidas. A arte de entrelaçar situações, de desenvolver acções, a forma de criar e manter o suspense, o rigor na descrição das personagens, a ironia fina e a crítica vigorosa, o gosto pela caricatura mordaz, a fraterna defesa dos mais fracos e dos mais humildes, a ternura para com as crianças e as mulheres, em contraste com a aspereza de trato para com poderosos prepotentes e mediócrs acolitados, tudo isso fazia, faz e fará de Dickens um escritor sem igual, imperecível.



Charles Dickens

Charles John Huffam Dickens nasceu no dia 7 de Fevereiro de 1812, em Portsmouth (387, Mile End Terrace, Landport, Portsea) no Hampshire, no sul de Inglaterra, filho de John Dickens, funcionário da Armada, e de Elizabeth Barrow. Aos cinco anos, a família mudou-se para Chatham, no Kent, onde prolongou uma infância apenas remediada, mas suficientemente rica de um ponto de vista cultural. Foi a mãe quem o ensinou a ler, actividade que desenvolveu depois de forma voraz, consumindo quer novelas picarescas de Tobias Smollett e Henry Fielding, quer obras de um outro fôlego, como as de Daniel Defoe ou Goldsmith, o "Dom Quixote", o "Gil Blas" ou as "Mil e uma Noites". Foi nestes títulos, em personagens e

situações que não mais esqueceria, que foi beber muita da influência que mais tarde iria dispersar pela sua obra.

Se a família tinha algumas posses, se o jovem Charles conseguiu mesmo frequentar uma escola privada durante a infância, tudo se alteraria a partir do momento em que o pai foi preso por dívidas. Muda-se, então, com a mãe e irmãos, para o popular bairro de Camden Town, em Londres. Tinha dez anos, viviam em quartos pobres e empenhavam as pratas e os livros. Era necessário arranjar dinheiro para a família e Charles foi encontrar trabalho, dois anos depois, numa fábrica de graxa para sapatos, na Warren's, uma empresa de um amigo da família, que ficava onde hoje se encontra a estação ferroviária de Charing Cross. Colava rótulos nos frascos de graxa e ganhava seis xelins por semana.

Passados alguns anos, uma herança paterna libertou a família da prisão, mas não Dickens da fábrica. Aí conheceria um amigo, da sua idade, cuja história iria transformar na intriga central de "Oliver Twist". Diz a lenda. O universo infantil, a sua exploração em termos de trabalho escravo, seriam a partir daqui uma das suas obsessões. Em Maio de 1827, Dickens começou a trabalhar como amanuense num cartório. Poderia nessa altura ter seguido a carreira de advogado, mas preferiu aprender taquigrafia e ser, durante algum tempo, estenógrafo do tribunal. Continuava a devorar livros, agora na biblioteca do British Museum. Apaixona-se pela filha de um banqueiro, Maria Beadnell, mas os banqueiros não querem as filhas casadas com filhos de presos por dívidas, o caso morre ali, para grande desgosto de Dickens.

É por essa altura que se inicia na escrita, como jornalista, primeiramente cronista judicial e, depois, relatando os debates parlamentares e cobrindo as campanhas eleitorais. Viaja pelo país, de diligência, e escreve "Sketches by Boz" (Boz foi o pseudónimo por ele escolhido, inspirado na alcunha do seu irmão mais novo, que era incapaz de pronunciar a palavra Moses). "Sketches by Boz" eram pequenas peças jornalísticas que surgiam no "Morning Chronicle". Tinha pouco mais de vinte anos quando "The Pickwick Papers" iria confirmá-lo como escritor e estabelecer uma mística.

O que o "New Sporting Magazine" pretendia inicialmente, quando convidou Dickens para aí colaborar, era que ele comentasse por escrito algumas ilustrações desportivas. Entre 1831 e 1834, o jornal tinha tido grande sucesso com uma série semelhante, "Jorrock's Jaunts and Jollities", sobre um comerciante "cockney" que tenta a todo o custo ser reconhecido como o bom caçador que não era. O ilustrador Robert Seymour propôs aos editores "Chapman and Hall" criar uma série semelhante, agora sobre um "Clube Nimrod" onde também se troçaria dos caçadores inexperientes, mas muito convencidos. Dickens tomou conta do projecto, mas criou um clube de "observadores de curiosidades", o que afastou definitivamente o ilustrador da ideia inicial. Seymour viria a suicidar-se, consta, na sequência destes acontecimentos. Procurou-se outro ilustrador e a sorte viria a ditar o nome de William Makepeace Thackeray (conhecido pela alcunha de Phiz), mais

tarde um escritor de certa grandeza, autor, entre outros de “As Aventuras de Barry Lyndon” (The Luck of Barry Lyndon).

Pickwick e Oliver

Em finais de Março de 1836 sai o primeiro fascículo de “Pickwick” e, dias depois, casa com Catherine Hogarth, que lhe dará dez filhos, cujos nomes suscitam homenagens a referências literárias: Charles Culliford Boz Dickens (6 de Janeiro, 1837 - 1896), Mary Angela Dickens (6 de Março, 1838 - 1896), Kate Macready Dickens (29 de Outubro, 1839 - 1929), Walter Landor Dickens (8 de Fevereiro, 1841 - 1861), Francis Jeffrey Dickens (15 de Janeiro, 1844 - 1886), Alfred D'Orsay Tennyson Dickens (28 de Outubro, 1845 - 1912), Sydney Smith Haldimand Dickens (18 de Abril, 1847 - 1872), Henry Fielding Dickens (15 de Janeiro, 1849 - 1933), Dora Annie Dickens (16 de Agosto, 1850 - Abril, 1851) e Edward Bulwer Lytton Dickens (13 de Março, 1852 - 1902). Houve quem visse nesta ligação dos nomes dos filhos à história da literatura inglesa uma forma de Dickens iniciar uma “dinastia literária”. Tal não aconteceu. Uns esbanjaram dinheiro, outros aproveitaram-se da celebridade do pai, mas apenas Monica Dickens, uma bisneta, ganharia algum renome com a escrita de romances.

“The Pickwick Papers” começa por não ser um sucesso público, vende uns discretos 400 exemplares no seu lançamento, mas a partir da altura em que aparece o criado de Pickwick, Sam Weller, personagem que relembra Sancho Pança numa versão “cockney”, é que o triunfo sucede e se atingem os 40 000 exemplares de vendas. Em 1836, é obra! Mas há explicações para este sucesso: o público anglófono (entre a Grã-Bretanha e os EUA) é o mais letrado do mundo. Londres tem mais de um milhão e meio de habitantes, a atracção pela capital vai desertificando os campos, a revolução industrial vai formando uma população heterogénea, o trabalho infantil prospera de forma inclemente, as injustiças sociais aumentam, radicalizando os campos. É em 1845 que Engels publica “A Situação da Classe Operária em Inglaterra”, onde se analisa à luz do marxismo estas situações que Dickens não deixará de fazer reflectir na sua obra, ainda que não numa perspectiva puramente revolucionária, mas mais reformista e humanista. Nunca foi, nem quis ser, um político, muito menos um revolucionário. Marx, seu contemporâneo em Inglaterra, terá tido a maior consideração pelo escritor, mas, ao que se sabe, nunca se cruzaram pessoalmente. Dickens terá sempre tido uma posição reformista, acreditando que os vícios e defeitos de alguns se poderiam contrariar, quer pela regeneração pessoal, quer pelo controlo das instituições da sociedade, tendendo cada vez mais para ser mais justa e equitativa. Isso leva-o a ter na mão não só as classes operárias, mas também a burguesia.

Dois anos depois do triunfo de Pickwick, Dickens lança-se na publicação, igualmente em folhetins semanais, de “Oliver Twist”, com ilustrações de Cruikshank. O livro penetra nas suas recordações de infância, no mundo da criança maltratada, no universo depressivo e opressor de uma sociedade de profundas injustiças sociais, no âmago da Inglaterra industrial e vitoriana de um ascendente capitalismo selvagem e desregrado.

Já célebre e com reputação mundial de escritor consagrado viaja com a mulher pelos EUA, onde é recebido entusiasticamente, servindo a viagem de base a "American Notes" e influenciando ainda alguns capítulos de "Martin Chuzzlewit". Mas cedo voltou os americanos contra si, ao acusar os seus escritores e editores de plagiarem a literatura inglesa e não pagarem os direitos referentes às suas obras que circulam em edições piratas.

Em 1843, publica "A Christmas Carol", a mais famosa obra dedicada ao Natal, que conta com milhares de edições em todas as línguas, e adaptações a todas as formas de narrativa, desde o cinema, a televisão, a banda desenhada, o teatro... Curioso que Dickens é um autor profundamente crítico quanto às religiões, particularmente o cristianismo. Foi ele que disse: "Eu acredito que a disseminação do catolicismo é o meio mais horrível de degradação política e social deixado no mundo." Mas foi igualmente ele quem disse: "O Natal é um tempo de benevolência, perdão, de generosidade e alegria. A única época que conheço, no calendário do ano, em que os homens e as mulheres parecem, de comum acordo, abrir livremente seus corações. Deus abençoe o Natal!" ou ainda: "Honrarei o Natal no meu coração, e tentarei mantê-lo o ano todo". Realmente pouco escritores sentiram esse espírito natalício como Dickens, o que explica certamente o sucesso do seu "Conto de Natal".

Mas a esta história, outras se seguem, igualmente impregnadas de espírito natalício, como "The Chimes" (1844), escrita em Génova, ou "The Cricket on the Hearth" (1845). Em 1846 aparece como director de um jornal, o "Daily News", mas a experiência dura pouco e, em 1848, sai "Dombey and Son", abordando a revolução industrial na perspectiva dos operários dos transportes ferroviários. No ano seguinte, publica outro dos seus romances mais populares, "David Copperfield", em grande parte autobiográfico, recuperando muitos aspectos da sua infância e adolescência. Em 1854, será a vez "Tempos Difíceis", dedicado ao escritor e amigo Thomas Carlyle.

A revista semanal "Household Words", onde viria a publicar, em folhetins, alguns dos seus romances, foi fundada também por ele, em 1850. A publicação seria reformulada, em 1859, mudando de nome para "All the year round".

Extremamente popular na época, lido por milhares de leitores em todo o mundo, contando com um público fiel, Dickens tornou-se um homem de teres e haveres, o que lhe permitiu concretizar um sonho de criança e adquirir, em 1856, uma casa e propriedade de nome "Gad's Hill Place", perto de Chatham, onde passaria a viver até à sua morte. O local tinha também um significado especial porque algumas cenas do "Henrique V", de Shakespeare, estavam indicadas como localizadas nessa mesma área.

Vida familiar conturbada

Mas a vida de Dickens ficou marcada por vários dramas e tragédias. A morte súbita da irmã da mulher, Georgina, com apenas 19 anos, foi uma delas, pois o escritor tinha por ela uma grande afeição. Em 1858, distanciado da mulher que amara, mas que entretanto o desiludira, divorcia-se, decisão obviamente não muito bem vista nessa época, sobretudo entre notáveis. Havia um evidente desajuste entre a vida de ambos. Por essa altura, morre igualmente uma filha, recém nascida. Catherine não conseguia partilhar a energia e a impetuosidade de Dickens. Houve rumores de um caso amoroso com a cunhada Georgina, mais tarde uma ligação fortuita com o seu amor de adolescência, Maria Beadnell, posteriormente o seu grande caso com a actriz Ellen Ternan, mais nova que ele vinte e sete anos.

A 9 de Junho de 1865, ao regressar de França, onde fora visitar a amante, Dickens sofreu um acidente ferroviário, em Staplehurst. As seis primeiras carruagens do comboio caíram de uma ponte em reparação, a única carruagem que não se desmoronou foi aquela onde viajava Dickens, Ellen Ternan e a mãe desta. As duas senhoras desapareceram rapidamente do local da tragédia, o escritor desmultiplicou-se no auxílio aos feridos e quase se ia esquecendo de um original entre os destroços. Mas lembrou-se a tempo de resgatar, de dentro da carruagem do comboio, o manuscrito inacabado do seu romance "Our Mutual Friend". Abafada a ocorrência, Ellen iria tornar-se na companheira fiel que não o abandonou até ao final dos seus dias, apesar de nunca se terem casado oficialmente. Mas o incidente teve outras consequências no escritor.

Apesar de ter saído aparentemente ileso do acidente, nunca mais recuperou totalmente do choque. O ritmo da sua produção literária decresceu bastante depois deste episódio. Irá terminar lentamente "Our Mutual Friend" e não irá completar "The Mystery of Edwin Drood", onde alguns estudiosos dizem sentir a influência de Wilkie Collins, amigo de Dickens e um dos pioneiros do romance policial. Dedicou grande parte dos últimos anos da sua vida a esforçadas e emotivas leituras públicas, que o debilitaram também. Sozinho em palco, lia de forma arrebatada e comovente excertos de obras suas que entusiasmavam as plateias. Foram essas leituras que o levaram novamente à América em 1867, desta vez em triunfo constante.

Cinco anos depois do acidente de Staplehurst, exactamente no dia 9 de Junho de 1870, morreu e foi sepultado no "Poets' Corner", na Abadia de Westminster. O túmulo encerra numa frase uma vida: "Apoiante dos pobres, dos que sofrem e dos oprimidos. Com a sua morte desaparece um dos maiores escritores que a Inglaterra deu ao mundo." A sua glória não pára de crescer. Em 1980, a histórica Eastgate House, em Rochester, no Kent, foi convertida num museu dedicado a Charles Dickens. É aí também que, anualmente, se realiza o Festival Dickens. A casa onde nasceu, em Portsmouth é igualmente um museu. Londres também tem a sua casa-museu Dickens (Doughty Street, 48).

Um escritor raro

Muitos dos romances de Dickens foram escritos para serem distribuídos, mensal ou semanalmente, em folhetins publicados em jornais como o “Household Words”, o que tornava as histórias acessíveis a um público mais vasto. Um dos inegáveis talentos do escritor era essa capacidade em conciliar uma narrativa em fascículos (dir-se-ia hoje), popular e aparentemente despretensiosa, com a possibilidade futura de se apresentarem, tal como hoje os conhecemos, num volume único, um romance coerente na sua globalidade e de extrema exigência literária.

Apesar de nunca deixar de ter em conta o seu público-alvo, e de alterar por vezes o traçado da narrativa, em virtude de críticas ou reacções de leitores aos seus folhetins (exemplos disso encontram-se em “Martin Chuzzlewit”, onde foram incluídas cenas passadas na América, para contrariar o decréscimo de vendas dos primeiros capítulos, ou em “Our Mutual Friend”, onde aparece uma personagem, Riah, um judeu simpático, para contrapor ao pérfido Fagin, de “Oliver Twist”, que levou Dickens a ser acusado de anti-semitismo), a sua escrita aspirou sempre a uma altíssima qualidade, interligando o melodrama social e a sátira, a crítica às deprimentes condições de vida de algumas classes e estratos sociais, em contraste com a leviandade e a avareza da alta sociedade vitoriana, que retrata expondo cinismo, hipocrisia, egoísmo, corrupção e prepotência.

Sendo um realista, era um realista de influência gótica, um escritor que como poucos sabia dosear a tragédia e o humor, a invenção e a fantasia com o mais premente realismo, em muitos aspectos autobiográfico. Cenas de tribunal, políticos parlamentares, crianças exploradas, prisões por dívidas, raparigas que morrem jovens, toda uma galeria de situações e de figuras nasce da sua própria experiência pessoal.

Dickens soube retratar uma época de profundas transformações políticas, sociais, económicas e culturais. Filho do maior império do mundo dessa altura, conseguiu escrever e testemunhar o que via e sentia de tal forma que ajudou a modificar a realidade social: algumas prisões fecharam ou foram remodeladas (Marshalsea e Fleet, por exemplo), estabelecimentos de ensino e orfanatos tal como existiam na época desapareceram, o saneamento básico de Londres foi reformulado, as condições de trabalho nas fábricas mais humanizadas...

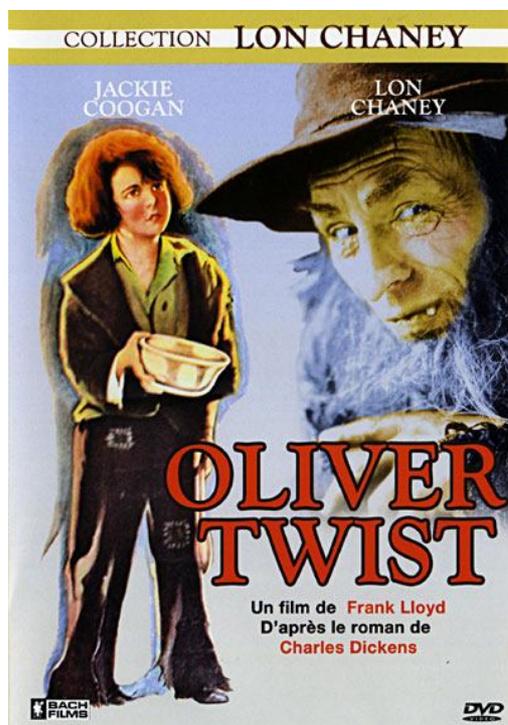
Dickens no Cinema

Em vista do que atrás se disse, não será de estranhar ele ser um dos autores mais adaptados ao cinema e à televisão. A sua escrita é altamente cinematográfica, porque muito visual, muito próxima do leitor, crítica e emotiva, simultaneamente erudita e popular. Dickens é o escritor completo, cuja modernidade não passa. Foi moderno no seu tempo, continua moderno hoje. Os seus temas não passam de moda, porque apesar de se reportarem a um local e um tempo definido, são intemporais. Ele fala da Inglaterra do século XIX, mas nós sentimo-lo como se

estivesse hoje, ao nosso lado. Quando se introduz o nome de Charles Dickens no imdb, site cinematográfico por excelência, aparecem mais de 325 títulos de obras cinematográficas ou televisivas adaptadas de escritos do romancista inglês. Muitos deles referem séries com dezenas de episódios. Arthur Conan Doyle, outro escritor inglês muito popular no cinema, não ultrapassa as 220 entradas.

Se oficialmente a história do cinema começa no dia 28 de Dezembro de 1895, em Paris, com a primeira sessão pública dos Irmãos Lumière, temos de registar que, logo em Abril de 1897, apareceu o primeiro, ou um dos primeiros filmes, nessa altura ainda curtos filmes de alguns minutos, adaptado de Oliver Twist. Dizia respeito apenas a um episódio do livro, chamava-se “Death of Nancy Sykes”, e era uma produção norte-americana, com um elenco onde apareciam Mabel Fenton, em Nancy Sykes, e Charles Ross, em Bill Sykes. Esta é a primeira adaptação conhecida, mas é possível que existam outras.

No ano seguinte, 1897, é rodado, agora em Inglaterra, “Mr. Bumble the Beadle”, um produção de Robert W. Paul. A mesma produtora lança, em 1901, “Mr. Pickwick's Christmas at Wardle's”, uma realização de Walter R. Booth, e ainda em Inglaterra, no mesmo ano, a Paul's Animatograph Works estreia uma nova realização de Walter R. Booth, “Scrooge, or Marley's Ghost”. Sabe-se que durava 11 minutos. Novo romance de Dickens é adaptado em 1903, “Nicholas Nickleby”, com direcção de Alf Collins, e interpretação de William Carrington, no papel de Pupil. A produção é da Gaumont.



Entre 1897 e 1927, data em que o “mudo” começa a ceder o lugar ao “sonoro”, conhecem-se cerca de uma centena de adaptações de obras de Charles Dickens ao cinema. Impossível dar conta de todas aqui, mas é conveniente referir uma das mais famosas, ainda hoje, um “Oliver Twist” de 1922, filmado no auge do cinema mudo, realizado por um dos grandes cineastas norte-americanos deste período entre duas épocas, Frank Lloyd. Em Portugal estreou-se com o título “Herança de Miudinho”, no dia 24 de Agosto de 1925 e Jackie Coogan, o fabuloso “Garoto de Charlot”, era um inesquecível Oliver Twist, enquanto Lon Chaney, um actor que era conhecido como “o homem das mil caras”, compunha a figura de Fagin.

Por essa altura, os filmes já tinham uma duração mais convencional, cerca de hora e meia, e a produção era de Jackie Coogan Productions, o que dá bem ideia do sucesso deste miudinho que triunfara em 1921, com “The Kid”, de Charlie Chaplin.

A sua criação impôs uma personagem, que em Portugal ficou conhecida por “o miudinho” e que se renova regularmente em obras como “Miudinho não Tem Emenda”, “O Pobre Miudinho”, “Herança de Miudinho”, “A Orfandade de Miudinho” (1921), “Miudinho, Artista de Circo” ou “O Miudinho Trapeiro” (1925). “Oliver Twist” é tragado nesta onda de “miudinhos” e os distribuidores portugueses da época preferiram chamar “Herança de Miudinho” a “Oliver Twist”, levando assim a crer que, na década de 20, valia mais junto do critério do grande público um miudinho como Jackie Coogan do que um escritor como Charles Dickens.

De conjectura em conjectura, pois por esta época é difícil assegurar a veracidade das informações, dado que milhares de filmes foram desaparecendo na voragem do nitrato de prata, dos incêndios e do tempo, parece que o primeiro filme sonoro retirado de uma obra de Dickens foi uma curta produção inglesa, da British Sound Film Productions, de 1928, com cerca de 9 minutos, “Scrooge”, dirigida por Hugh Croise, com Bransby Williams compondo a figura do avaro Ebenezer Scrooge.

A primeira longa-metragem sonora digna de referência data de 1931, partia do romance “Dombey and Son”, era uma realização de um outro grande cineasta de Hollywood, John Cromwell. Em português recebeu o título “Audácia que Assombra” (Rich Man's Folly), era uma produção da Paramount Pictures, com George Bancroft, como Brock Trumbull, Frances Dee, como Ann Trumbull, Robert Ames, como Joe Warren e Juliette Compton como Paula Norcross.

São igualmente algumas centenas as adaptações de obras de Dickens durante o sonoro. Ingleses e americanos levam a dianteira na empreitada, mas desde o Japão até ao Brasil, passando por Portugal (já lá iremos), há produções em todas as línguas e para todos os gostos. Vamos apenas salientar algumas: George Cukor, em 1935, dá-nos “Vida e Aventuras de David Copperfield” (The Personal History, Adventures, Experience, & Observation of David Copperfield the Younger), com um bom elenco, Basil Rathbone, Lionel Barrymore, Elsa Lanchester e Freddie Bartholomew. Uma produção da Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), que insistiria na obra do escritor em 1935, agora “Duas Cidades” (A Tale of Two Cities), com a assinatura de Jack Conway, com Ronald Colman, Elizabeth Allan, Edna May Oliver, Reginald Owen e Basil Rathbone.

Na década de 40 surgia a televisão nos Estados Unidos e rapidamente Dickens se tornou um autor eleito para este novo tipo de espectáculo audiovisual. “A Christmas Carol, de 1943, dirigido por George Lowther, é um dos primeiros exemplos, emitido na noite de 22 de Dezembro de 1943, uma prática que depois se tornaria muito corrente. Roger De Koven, Ralph Locke e William Podmore, este em Ebenezer Scrooge, eram os protagonistas desta versão para TV a preto e branco. A produção era da W2XWV New York City. Da década de 40 até à actualidade, as adaptações para televisão da quase totalidade da bibliografia de Dickens tem sido uma constante, com múltiplas séries, telefilmes, obras de animação ou em imagem real. Regressando à década de 40 do século passado, em Inglaterra, surgem duas das mais afortunadas adaptações de Dickens ao cinema, ambas levadas a cabo por um mestre, infelizmente nem sempre reconhecido enquanto tal, David Lean. “Grandes

Esperanças” (Great Expectations), data de 1946, e conta com actores como John Mills, Valerie Hobson, Jean Simmons, Bernard Miles, Finlay Currie, Alec Guinness e Tony Wager na figura do jovem Pip. Trata-se de uma das mais fiéis adaptações da obra do escritor britânico, bem assim como uma excelente reconstituição da época em que a acção decorre, nessa Londres vitoriana, com profundas divisões sociais que a industrialização selvagem ajudara a acentuar. O êxito do filme permitiu a David Lean voltar ao mesmo escritor, dois anos depois, agora através de “As Aventuras de Oliver Twist” (Oliver Twist), com um belíssimo naipe de actores. Falaremos adiante desta obra com mais destaque.

“The Life and Adventures of Nicholas Nickleby”, de Alberto Cavalcanti (1947), é outra boa referência inglesa deste período, com actores de excepção, Derek Bond, Cedric Hardwicke, Mary Merrall, Sally Ann Howes, Bernard Miles, etc. De 1951, é “O Homem e o Espectro”, de Brian Desmond Hurst, adaptação de “A Christmas Carol”, com uma composição invulgar de Alastair Sim no papel de Ebenezer Scrooge.

Depois de ter conhecido um enorme sucesso nos palcos londrinos, a versão musical de “Oliver!”, surge em 1968, pela mão de Carol Reed, com inspirada partitura musical de Lionel Bart. O filme seria coroado por seis Oscars e mais seis nomeações. e há presenças igualmente inesquecíveis nesta obra, Ron Moody, em Fagin, Oliver Reed, em Bill Sykes, e ainda Shani Wallis, Harry Secombe, Jack Wild, Hugh Griffith e o jovem Mark Lester, em Oliver Twist.

O universo de Dickens tem sobrevivido a tudo, até a adaptações estranhas, como a de “SOS Fantasmas” (Scrooged), de 1988, dirigida por Richard Donner, com Bill Murray, Karen Allen, John Forsythe, John Glover, Carol Kane e Robert Mitchum. Ou a popular versão dos Muppets, “O Conto de Natal dos Marretas” (The Muppet Christmas Carol), de 1992, numa realização de Brian Henson, com um saboroso Michael Caine a compor a disputada figura de Ebenezer Scrooge, rodeado por toda a galeria dos fabuloso bonecos criados por Jim Henson.

A obra de Dickens não se esgota e o cinema e a televisão não se cansam de nela procurar inspiração. Em 1998, Alfonso Cuarón regressa a “Grandes Esperanças”, com Ethan Hawke e Gwyneth Paltrow. Em 2002, surge uma nova versão de “Nicholas Nickleby”, dirigida por Douglas McGrath. Em 2005 será a vez de Roman Polanski tornar seu Oliver, outra grande adaptação de que falaremos mais adiante. Finalmente, em 2009, “Um Conto de Natal” (A Christmas Carol), em 3D, com Jim Carey, assinala o encontro de Robert Zemeckis com Dickens. Gary Oldman, Colin Firth, Cary Elwes, Robin Wright Penn ou Bob Hoskins estão no elenco desta obra que mistura habilmente imagem real e desenho animado.

É altura de sublinhar que também os cineastas portugueses não ficaram alheios ao fascínio de Dickens e à sua vibrante crítica social. Em 1988, João Botelho socorre-se das palavras do escritor para nos dar uma adaptação sua de “Tempos Dífíceis”, com cenários habilmente escolhidos entre Lisboa e Barreiro, e um elenco de luxo

para a nossa terra, Henrique Viana, Júlia Britton, Eunice Muñoz, Ruy Furtado, Isabel de Castro, Isabel Ruth, Lia Gama, Inês de Medeiros, Pedro Cabrita Reis, entre outros. Uma adaptação dos tempos difíceis ingleses à realidade portuguesa, num magnífico preto e branco, onde a plasticidade visual de Botelho resultou bem.

Dickens Griffith Eisenstein

Relanceada assim, rapidamente, a relação das obras de Dickens com o cinema, deixámos para último lugar talvez a mais importante. De certa forma pode dizer-se que Dickens é um dos pais do cinema tal como o conhecemos hoje. Não que obviamente tivesse tido qualquer papel na descoberta técnica do cinema. Morreu em 1870 e só 25 anos depois os Irmãos Lumière apresentariam a primeira sessão pública do animatógrafo.

Mas pede ser-se pai de muitas maneiras e aqui fica uma delas. O mais importante cineasta da história do cinema mudo foi David W. Griffith, a quem todos atribuem a paternidade da linguagem cinematográfica, o mesmo é dizer que a origem de toda a especificidade do cinema, como arte e narrativa. Foi ele que desde 1908 e ao longo de uma filmografia de mais de 500 títulos, criou os alicerces de uma narrativa e estabeleceu as bases de um cinema clássico. Ele inventou quase tudo no cinema, desde o grande plano à montagem em paralelo. Mas, sobretudo, foi ele que mostrou como o cinema podia igualar o romance ou o teatro, ser uma linguagem com o mesmo valor artístico da de Shakespeare ou Dickens. Foi ele que começou a montar planos para organizar uma história, criar um clima, estabelecer ligações em que um plano seguido de outro representava mais do que a soma desses dois planos, porque a montagem, a ligação entre ambos, lhes acrescentava algo.

Dickens era um dos autores preferidos de Griffith. Quem conhece um pouco de ambos não estranhará muito se se disser que Griffith é o mais dickenseano de todos os cineastas. Apesar de só ter adaptado um pequeno conto do autor inglês, e 1909, a que deu o título "The Cricket on the Hearth" e que contava pouco mais de 10 minutos de duração. Nem mesmo essa adaptação terá uma importância excessiva neste contexto. É apenas mais uma entre a longa lista já enunciada.

Acontece que, em 1908, quando pretendia realizar uma outra curta-metragem de ficção, "After Many Years", adaptação de um poema de Alfred Lord Tennyson, 'Enoch Arden', que aborda um triângulo amoroso, ele defrontou-se com um problema narrativo que levantou fortes objecções à produção e a todos quantos o ouviram declarar as suas intenções: Griffith iria contar uma história com duas acções a desenvolverem-se em paralelo. Nunca tinha sido feito e ninguém pensaria que tal fosse possível para a compreensão do espectador. Griffith, conta-se, terá ido para casa, lido e relido Dickens, e voltado ao estúdio no dia seguinte, para proclamar: Dickens escrevia assim. Cortava narrativa e integrava outras, descrevia acções paralelas e todo o leitor o percebia. Responderam-lhe que isso era na literatura, não no cinema e Griffith levou a sua avante e ganhou a partida. A partir daí o cinema tinha ganho a emancipação e iria permitir a Griffith, anos depois, em

1915, rodar “O Nascimento de uma Nação”, uma obra de 3 horas, quando se pensava que o espectador de cinema não suportava mais do que filmes de duas bobines, com cerca de 15 a 20 minutos de duração.

Alguns anos depois, Sergei Eisenstein, o grande cineasta soviético, autor de “O Couraçado Potemkin”, e um dos mestres da montagem, que explorou em diversos sentidos, redigiu vários ensaios sobre o tema. Eisenstein não tinha pejo de considerar Griffith “o pai de todos nós”, e escreveria, em 1943, um ensaio, “Dickens, Griffith e nós”, publicado no livro “A Forma do Filme”, onde analisava as contribuições de Griffith para a linguagem cinematográfica e a importância da literatura de Charles Dickens no pensamento de Griffith. Segundo Eisenstein, Griffith chegou a esta montagem de acções simultâneas através do método de acção paralela e foi levado a essa ideia depois de ter relido Dickens. E conta a história: “Quando o Griffith sugeriu aos seus produtores que a cena de Annie Lee, à espera do regresso do marido fosse seguida de uma cena de Enoch naufragado numa ilha deserta, foi mesmo muito perturbador. “Como pode contar uma história indo e vindo dessa maneira? As pessoas não vão perceber o que está a acontecer”. “Bem”, perguntou Griffith, “Dickens não escreve desse modo?” “Sim, mas isso é Dickens, esse é um modo de escrever um romance; no cinema é diferente”. “Oh, não tanto. Nós escrevemos romances com imagens; não é tão diferente!” (esta conversa aparece recolhida em “When the movies were Young”, uma memória de D.W. Griffith, publicada em Nova York, 1925, e citada em “A Forma do Filme”, de Eisenstein.

Pelo que se pode inferir, sem muita dificuldade, que Dickens também se encontra nos primórdios do cinema, dando lições de narrativa que presentemente informam toda a construção dramática dos filmes que vemos nas salas de todo o mundo.

“Oliver Twist” de David Lean a Roman Polanski

Curioso é ver como, com o desenrolar dos anos, a obra de Dickens tem sobrevivido no cinema. Escolhemos para isso quatro filmes, todos eles partindo de um mesmo romance, precisamente “Oliver Twist”.

“Oliver Twist”, de Roman Polanski, a adaptação mais recente, de 2005, não é, para mim, a melhor adaptação do romance, ainda que seja uma versão muito aproximada da intriga concebida por Dickens. Vendo o filme e relendo o livro, notam-se semelhanças que apontam para uma quase ilustração da palavra do escritor, ainda que renascida pela própria experiência pessoal de Polanski. Anteriormente outros realizadores já se tinham ocupado do tema, desde David Lean, que dirigiu “As Aventuras de Oliver Twist” em 1948, uma excelente versão a preto e branco com Alec Guinness num Fagin inesquecível, até Carol Reed que, em 1968, levava a cinema a versão musicada de Lionel Bart, igualmente com bons resultados.

Curiosamente, há nas versões que conhecemos de “Oliver” abordagens diversificadas, mas cenas que parecem transitar de filme para filme. A personagem do bedel do orfanato muda de nome, não muda de figura, a sequência em que Oliver pede “mais comida” e a subsequente ida à direcção do orfanato (que se banqueteia principescamente com lautos pratos de apetitosa comida) parecem quase filmadas do mesmo ângulo e interpretadas pelos mesmos actores... Mas aí é a força da escrita de Dickens que relembra quase um guião de cinema e impõe uma directriz sem recuo.

“As Aventuras de Oliver Twist” (1948)

Centremo-nos na versão de 1948, de David Lean, “As Aventuras de Oliver Twist” que se destaca desde logo pela fabulosa fotografia a preto e branco assinada por Guy Green. Desde a sequência inicial que essa fotografia nos agarra, desde essa paisagem batida pelo temporal, com uma mulher grávida a avançar em direcção a um albergue de mendicidade, onde acaba por dar à luz um menino, antes de morrer. Os cenários são rebuscados, os enquadramentos sugestivos, a iluminação contrastada, o efeito seguro. Dir-se-ia, ao ver o desenrolar da obra, que o filme cruza habilmente uma certa tradição de realismo social inglês e alguns vestígios apurados do expressionismo alemão, tanto ao nível do cenários, como da iluminação, do jogo das sombras e das luzes, prolongando-se até pelo desenho das personagens. Nesse aspecto, toda a mise-en-scène (ou realização) é particularmente forte na forma como sugere sem apontar, servindo-se apenas da imagem. Veja-se logo no início, como os poderosos se enquadram, em relação a Oliver: ocupando o espaço, engolindo a criança, estrangulando a frágil silhueta, aprisionando-a num rectângulo sem horizontes.



Quase no final, há uma sequência passada numa taberna que relembra o ambiente de “O Anjo Azul”, de Sternberg, e não raro nos vêm à memória imagens de “Matou”, de Fritz Lang. Mas com a marca da criatividade de David Lean. Todo o filme é, aliás, uma excelente sucessão de sugestões de imagem e som que tornam inúteis quaisquer explicações trazidas pelo diálogo. Um exemplo: as crianças no albergue têm fome, e têm medo de o dizer. Espreitam os poderosos a comer numa farta mesa, e quando chega a vez de solicitar mais comida tiram à sorte quem o fará. A palha mais curta, que define a iniciativa, cabe a Oliver. Logo todos os colegas se afastam, criando uma clareira de solidão à sua volta. E quando Oliver se dirige ao bedel Bumble, que o espera batendo ameaçadoramente com a varinha na perna,

qualquer espectador antecipa as consequências do acto. Todo este clima de medo e prepotência é muito bem dado numa Londres sinistramente esconsa e suja, numa arquitectura de castelo fantasma ou torre de horrores. Neste particular, na elaboração dos cenários, também esta versão de David Lean é brilhante, criando uma reconstituição de época que quase nos transmite não só a cor como o cheiro, os sons e o tacto. E quase nada é apetecível nesta sociedade egoísta e velhaca, mesquinha e gananciosa, hipócrita e prepotente, onde os mais fracos soçobram, quer sejam as crianças como as mulheres.

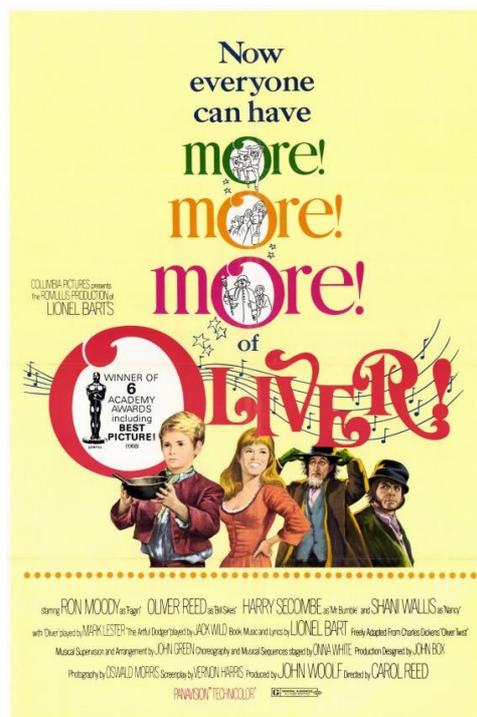
O filme não é rigorosamente fiel ao livro, mas julgo-o a mais fidedigna de todas as adaptações ao espírito do romance de Dickens, que tem merecido muitas e interessantes versões. Há personagens que desaparecem, Bet, por exemplo, a amiga de Nancy, e situações que surgem condensadas. O que é normal em casos como este. Mas para quem lê Dickens e vê o seu pequenino herói dividir os restos da comida com o cão do cangalheiro e dormir debaixo do balcão de uma agência funerária, assolado pelos fantasmas de uma imaginação povoada por imagens tétricas, esta é definitivamente uma boa recriação do universo de um dos maiores escritores de língua inglesa.

David Lean trouxe para “Oliver Twist” quase toda a equipa que dois anos antes havia realizado “Great Expectations”, com enorme sucesso crítico e de público, incluindo os produtores Ronald Neame e Anthony Havelock-Allan, o já citado director de fotografia Guy Green, o designer John Bryan e o montador Jack Harris. Kay Walsh, que era então mulher de David Lean, e tinha colaborado na adaptação de “As Grandes Esperanças”, interpreta aqui o papel de Nancy.

“Oliver!” de Carol Reed (1968)

Bastante diferente é a adaptação que Carol Reed fez do mesmo romance, mas agora em musical, partindo de um espectáculo teatral com excelente argumento, poemas e partitura musical de Lionel Bart. Obviamente que a estrutura de um musical impõe características muito próprias, mas o talento de Carol Reed e da sua equipa conseguiu o milagre de se manter fiel ao espírito da obra e do autor, estruturando-a de forma a respeitar as regras do musical.

A obra teatral estreou-se nos palcos de Londres em 1960, manteve-se durante uma longa temporada, e lançou-se na Boadway três anos depois, com igual sucesso. Seria reposto no West End por duas vezes, em 1994-1998 e novamente entre 2008-2011. A peça, que



alguma crítica da época considerou mais próxima do filme de David Lean do que do romance de Dickens, resume consideravelmente a intriga da obra literária, e aligeira-a nalguns aspectos. Sobretudo nos considerados mais sensíveis. A figura de Fagin, um judeu, tinha causado alguns dissabores a Dickens, que chegou a ser chamado de anti-semita. O próprio Dickens terá tentado limpar essa imagem em trabalhos futuros, mas Lionel Bart, um judeu igualmente, resolveu amenizar a personagem de Fagin, carregando mais o seu lado bonacheirão e cómico e diluindo as asperezas da sua vilania. No filme, estes aspectos mantêm-se, mas na globalidade a obra permanece muito próxima do espírito humanista e da crítica social do escritor.

De resto, conta com um brilhante elenco, Ron Moody, em Fagin, Oliver Reed, em Bill Sykes, Shani Wallis em Nancy, Hugh Griffith, Harry Secombe, Jack Wild e o pequeno Mark Lester, no protagonista. Deve referir-se ainda a reconstituição algo estilizada da Londres vitoriana, que se fica a dever a John Box, a coreografia dos números musicais, movimentando multidões de bailarinos e figurantes, invulgarmente coreografados e extremamente inventivos, da responsabilidade de Onna White, e a belíssima fotografia de um mestre, Oswald Morris.

Carol Reed, que já nos tinha dado obras admiráveis, como o inesquecível “O Terceiro Homem”, volta a impressionar pela encenação envolvente deste drama de uma criança que toca a sensibilidade de todos os públicos, desde os mais jovens aos adultos mais renitentes. O retrato das personagens é esboçado de forma larga, mas consistente, e a sua inserção nos ambientes arquitectónicos e humanos é hábil e decisiva para o triunfo do filme, que se confirma como um dos grandes momentos do género, numa altura em que o musical começava já a dar mostras de estar longe da sua época de ouro.

“Oliver” de Roman Polanski (2005)

Umhas pequenas notas ainda sobre a adaptação de Roman Polanski que, sendo uma obra muito apreciável de um ponto de vista cinematográfico, não é a obra-prima que se poderia esperar do autor desse vibrante e pungente “O Pianista”, que evocava o ghetto de Varsóvia com uma qualidade plástica e uma densidade humana invulgares. Neste mais recente “Oliver”, que tem seguramente também muito de biográfico em relação ao próprio Polanski, há menos novidade e uma forma mais clássica, a rondar o académico, de contar uma história, de evocar atmosferas, de impor personagens. Numa ou outra ocasião, o génio do cineasta explode, como na sequência da descoberta do corpo assassinado de Nancy, na



forma como se joga com a montagem e a banda sonora, na articulação dos planos, que terminam com uma paisagem agreste, com um ramo de árvore em primeiro plano e um agoirento corvo.

Polanski confessou, em entrevista, que gostaria de realizar um filme a que pudesse assistir com os filhos ainda jovens. Andava por essa altura, de colaboração com o argumentista Ron Harwood (uma dupla que vem de “O Pianista”), à procura de um bom tema e surgiu-lhe a história do órfão que Dickens imortalizou. Desde os seus primeiros dias no tenebroso orfanato, Oliver Twist parece destinado a ser triturado por uma (ou múltiplas) encarnação do Mal que o persegue: a sua venda a um fabricante de caixões, a fuga e a ida para Londres, onde é desviado para o covil de Fagin, o judeu (no filme nunca referido enquanto tal), rei dos ladrões que domina as ruelas da cidade através de uma legião de miúdos, a prisão por um roubo que não cometeu e o posterior resgate por parte de um bondoso Mr. Brownlow, com peso na consciência, o rapto e o regresso às ruas, onde Nancy e Bill Sykes ocupam destacado lugar, tudo isto são peripécias de um calvário que tem muito a ver com a personagem de Wladyslaw Szpilman, interpretada por Adrien Brody em “O Pianista”: em ambos os casos temos figuras que o acaso confronta com situações limite que os ultrapassam e a que quase não reagem.

Não sendo o filme excepcional que se augurava do encontro de Dickens e Polanski, “Oliver Twist” é, ainda assim, um belíssimo retrato de uma Londres vitoriana e uma evocação suficientemente contrastada de uma sociedade saída de transformações importantes, que necessitava de ver corrigidos excessos e desumanos desvios. A evolução histórica da Europa podia pensar-se encaminhar-se para a correcção desses excessos e para uma vida mais digna e justa, mais solidária e cúmplice. Infelizmente, os últimos anos parecem indicar que o fosso entre pobres e ricos se cava em vez de se atenuar, e que as críticas de Dickens regressam à actualidade, em lugar de retrocederem para o panteão da História. Eis um aspecto da actualidade de Dickens que se dispensava bem. Bastava a sua qualidade literária para o manter vivo.

Lauro António

7 de Fevereiro de 2012

OLIVER TWIST

Título original: Oliver Twist

Realização: Frank Lloyd (EUA, 1922); **Argumento:** Walter Anthony, Frank Lloyd, Harry Weil, segundo romance de Charles Dickens; **Música:** John Muri (versão restaurada em 1975); **Fotografia (p/b):** Glen MacWilliams, Robert Martin; **Montagem:** Irene Morra; **Direcção artística:** Stephen Goosson; **Guarda-roupa:** Walter J. Israel; **Produção:** Sol Lesser.

Intérpretes: Lon Chaney (Fagin), James A. Marcus (Mr. Bumble), Aggie Herring (Mrs. Corney), Jackie Coogan (Oliver Twist), Nelson McDowell (Sowerberry), etc.

Duração: 74 minutos; 98 minutos (versão de DVD)

AS AVENTURAS DE OLIVER TWIST

Título original: Oliver Twist

Realização: David Lean (Inglaterra, 1948); Argumento: Stanley Haynes, David Lean, segundo romance de Charles Dickens; Música: Arnold Bax, Guy Warrack (Canções); Pianista (tema Oliver): Harriet Cohen; Apresentador: J. Arthur Rank; Fotografia (p/b): Guy Green; Montagem: Jack Harris; Decoração: T. Hopewell Ash, Claude Momsay; Guarda-roupa: Margaret Furse; Produção: Ronald Neame, Anthony Havelock-Allan;

Intérpretes: Robert Newton (Bill Sikes), Alec Guinness (Fagin), Kay Walsh (Nancy), Francis L. Sullivan (Mr. Bumble), John Howard Davies (Oliver Twist), Henry Stephenson (Mr. Brownlow), Mary Clare (Mrs. Corney), Anthony Newley (o trapaceiro artiloso), Diana Dors (Charlotte), etc. **Duração:** 116 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo Audiovisuais (DVD); Classificação etária: M/ 6 anos.

OLIVER!

Título original: Oliver! ou Lionel Bart's Oliver!

Realização: Carol Reed (Inglaterra, 1968); Argumento: Vernon Harris, segundo musical de Lionel Bart, segundo romance de Charles Dickens; Música: Lionel Bart, Johnny Green; Fotografia (cor): Oswald Morris; Montagem: Ralph Kemplen; Casting: Jenia Reissar; Design de produção: John Box; Direcção artística: Terence Marsh; Guarda-roupa: Phyllis Dalton; Produção: John Woolf; **Intérpretes:** Ron Moody (Fagin), Shani Wallis (Nancy), Oliver Reed (Bill Sikes), Harry Secombe (Mr. Bumble), Mark Lester (Oliver Twist), Jack Wild (o trapaceiro artiloso), Hugh Griffith (Juiz), Joseph O'Connor (Mr. Brownlow), James Hayter, etc. **Duração:** 153 minutos; Classificação etária: M/ 6 anos.

OLIVER TWIST

Título original: Oliver Twist

Realização: Roman Polanski (Inglaterra, Republica Checa, França, Itália, 2005); Argumento: Ronald Harwood, segundo romance de Charles Dickens; Música: Rachel Portman; Fotografia (cor): Pawel Edelman; Montagem: Hervé de Luze; Design de produção: Allan Starski; Direcção artística: Jindrich Kocí; Decoração: Jille Azis; Guarda-roupa: Anna B. Sheppard; Som: Philippe Amouroux, Nicolas Becker, Jean-Marie Blondel, Paul Conway, Jean Goudier; Produção: Robert Benmussa, Timothy Burrill, Petr Moravec, Roman Polanski, Alain Sarde, Michael Schwarz; **Intérpretes:** Ben Kingsley (Fagin), Barney Clark (Oliver Twist), Leanne Rowe (Nancy), Mark Strong (Toby Crackit), Jamie Foreman (Bill Sykes), Harry Eden (o trapaceiro artiloso), Edward Hardwicke (Mr. Brownlow), etc. **Duração:** 130 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo Audiovisuais; Classificação etária: M/ 12 anos.